

A SEMANA

REVISTA CATHOLICA, LITTERARIA E DE INSTRUCCÃO PUBLICA.

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DOS EXMS. E REVMS. SRS. ARCEBISPO DA BAHIA,

BISPOS DO RIO DE JANEIRO, DE S. PAULO, DE MARIANNA E DO RIO-GRANDE.

DIRECTOR—F. M. RAFOZO D'ALMEIDA.

Vol. II.

Domingo 22 de Fevereiro de 1857.

N. 46.

PARTE LITTERARIA.

O ENSINO DA PHILOSOPHIA.

I.

Ao Sr. Bispo de S. Paulo.

No programma de nossos estudos religiosos tinhamos marcado o ensino da philosophia, e a necessidade das missões, como dois assumptos, dignos de serem reconhecidos e expostos no seu legitimo ponto de vista.

Mas nós lhe haviamos reservado outro lugar, porque estes dous objectos carecem ser, aquelle reconsiderado nas suas multiplicadas oscilações e transformações, estas em vista de informações e dados estatísticos, que só com o tempo poderíamos obter.

Mas dous artigos que acabamos de ler, e que profundamente nos impressionaram com seu apaixonado modo de ver e apreciar estes objectos, nos determina a desde já nos occuparmos d'elles, se não para tratar o assumpto na sua parte doutrinal e politica, por assim dizer, ao menos para attenuar a impressão, que tenha podido causar a leitura das observações de um correspondente do CORREIO DA TARDE e a opinião de um artigo da redacção do JORNAL DA BAHIA.

Ouçamos o primeiro artigo de libello do correspondente:

« Duvido que o Seminario Episcopal possa produzir seus beneficos e desejão os resultados; sua estrêa inspira serios reccios.

« Para que os estabelecimentos d'esta ordem prosperem e cresçam é preciso que á frente d'elles se colloque uma cabeça capaz de dirigil-os, e por certo que não são vulgares os dotes que devem reunir aquelles, que chegam a tão elevada posição. Todo o mundo conhece o caracter teimoso e emperrado do actual Bispo de S. Paulo, que detesta todo e qualquer progresso, condemnando a humanidade ao estacionarismo, afflige-se com qualquer passo dado para o futuro; novo Josué da sciencia, manda que a philosophia pare, e não prosiga em seu lidar ufano; e toda e qualquer tentativa feita no sentido de descobrir a verdade é considerado por elle como um orgulho da razão humana, uma revolta contra a Providencia. »

Não acompanharemos o correspondente no estylo improprio de referir-se a um veneravel prelado, cuja unica culpa é ser um extrenuo e legitimo deffensor das immuniidades da igreja e da dignidade episcopal que a Providencia lhe confiou. Assumptos d'esta natureza podem sempre tratar-se com a devida calma e a convenien-

te urbanidade, ainda mesmo de igual para igual, quanto mais de um anonymo para com um dos principes da igreja, e com um ancião quasi septuagenario.

O sr. D. Antonio Joaquim de Mello, que tem captivos e presos pela veneração e sympathia os corações de todos os seus diocesanos, a fóra um ou outro despeitado, está muito superior a estes insultos jornalisticos: porque os insultos cospe-os o tempo; e o Seminario Episcopal é um padrão de gloria que dirá aos vindouros, — o que desde 1743 não poderam fazer cinco bispos, em tempos prosperos, e com valiosos auxilios fel-o o sr. D. Antonio Joaquim de Mello, sem que o estado concorresse com um só grão de areia; — fel-o valendo-se das esmolas voluntarias dos seus fieis diocesanos; — fel-o percorrendo estradas inhospitas, e vertendo suores de acerbos fadigas.

O seminario da invocação de Santo Ignacio de Loyola hade prosperar e brilhar como todas as cousas que são abençoadas pela Providencia. Centenares de fieis concorreram para elle com suas devotas esmolas e com snas pijs orações. No dia de sua inauguração toda a diocese, já visitada pelo santo prelado, tomou parte n'essa festa, como se estivesse presente, porque o monumento é espirital e materialmente dos fieis diocesanos.

Agora a questão da doutrina.

Os inimigos do christianismo, querendo destruir a philosophia evangelica, intrincheiraram-se na philosophia capelosa do paradoxo e da materia. Voltaire, que foi o Mahomet d'esta revolução vertiginosa, invectivou a igreja como inimiga jurada da philosophia, e como o carrasco que a buscava asphixiar e estrangular.

Esta antiphona, então erguida, tem sido até hoje continuada no mesmo diapásão pelos improvisados philosophos, que formigam por toda a parte.

O clero como representante da igreja tem sido capitulado e repellido como jurado inimigo das luzes e de todo o genero de progresso: elle é o oppressor dos espiritos, é o conservador systematico da ignorancia do povo, a civilização encontra nelle um dos mais poderosos embaraços. Tem-se escripto este libello em livros, repete-se milhares de vezes em brochuras e jornaes incendiarios, ensina-se nos cursos publicos, em que a religião é demonstrada segundo a geometria humana, diz-se enfim que elle condemna a humanidade ao—estacionarismo,— que é o Josué da sciencia.

E' isto uma declamação todos os dias repetida pelos factos; applicada a muitos luminaries da igreja; mas a cada hora desmascarada, sempre pulverizada desde os tempos primitivos do christianismo até o pontificado de Pio IX. Lêa-se a historia ecclesiastica, desde os evangelistas até Fleury, e desde Henricon até Rohrbacher, e ter-se-ha reconhecido que a philosophia está sempre abrigada na igreja, que ella tem sido a irmã gêmea da theo-

logia, e a lente através da qual se observam os arcanos da revelação e a revelação dos mysterios.

Nos calamitosos tempos da invasão dos barbaros na Europa foi a igreja, foi o clero regular, que salvaram em suas escolas as letras, a arte e as sciencias: foi ali que os Voltaires as foram colher com a differença, que a abelha suca uma flor e produz o mel, a aranha morde essa mesma flor e produz a poeira.

O que seria hoje da humanidade, o que seria hoje da civilisação a não ter sido a igreja?

Ha três mil annos que a philosophia racionalista se debate improficuamente, n'um circulo vicioso de systemas requinta los — multa renascentur quae jam cecidere cadentque.

El o que afinal tem resolvido e decidido os corifeos de escolas tão disparatadas? Concluem por confessar que a duvida é o resultado de seus esforços: que sem a fé não pôde haver repouso possível do espirito, que sem a revelação não pôde haver explicação possível aos arcanos da philosophia humana.

O racionalismo é um Mathusalém de tres mil annos, é uma especie de Cagliostro que se tem mostrado sob differentes formas. Ha quasi um seculo que sob a forma de philosophia regeneradora, elle se appresentou na arena, mas como? Cercado de uma dissoluta licença, trespassando a razão humana, buscando destruir com saturnaes escandalosas os alicerces da igreja, e, como novo Titan, buscando escallar o céu para blasphemar esse Deus — que não existia —.

O seculo XIX foi instituido legatario d'esta philosophia infrene, mas se os seus tutores aceitaram a herança, na sua minoridade, elle hoje não a quer receber: — re-nega-a.

Uma nova escola de philosophia se reergueu triumpante, repudiando o grosseiro materialismo, o sensualismo abjecto e a impiedade revoltante. Sua linguagem é religiosa á maneira de Socrates, de Platão e dos philosophos, os mais estimados da antiguidade. Longe de insultar o christianismo ella lhe paga, em nome da humanidade, um tributo de elogio e reconhecimento pelos muitos beneficios que d'elle tem recebido.

Bouvier é um dos representantes d'esta escola, esta escola é adoptada hoje na generalidade da Franca e de toda a Europa culta, e a philosophia adoptada por essas intelligencias summas, e sancionada por muitos representantes da igreja, e a philosophia que o sr. bispo de S. Paulo mandou adoptar no seu seminario. Como pois se avança que o illustre prelado, no seu — emperramento, manda a philosophia que pare, e não prosiga em seu lider ufano? —

Com o illustre diocesano pensamos tambem que é um orgulho da razão humana pretender explicar-se a razão divina: — não será uma revolta contra a Providencia pretender assumir os seus divinos arcanos? O orgulho de nossos primeiros pais condemnou-os: a empresa de Titan, e a ousadia de Promotou foram castigadas, o orgulho do racionalismo está condemnado na sua propria impotencia.

Depois de haver demonstrado a sem razão o correspondente em condemnar o sr. bispo de S. Paulo, porque era fidalgo inimigo da philosophia, mas que manda ensinar philosophia, é de facil desculpa a exaggeração do mesmo digno correspondente, estranhando o systema administrativo, e o systema director, que ainda não se sabe qual será, porque o seminario está inaugurado, mas ainda não recebeu uma definitiva organização.

O correspondente parece reprehender o incansavel prelado por haver escolhido para auxiliares da sua igreja a dous sacerdotes capuchinhos, que não obstante os relevantes serviços, que tem prestado no confectionario,

no pulpito e na cadeira, tem sido o thema de reiteradas invectivas: e até de indignos insultos.

Ouamos o seguinte:

« E o que ensinam esses — senhores? — Que o immortal fundador do imperio, de tão respeitavel memoria, que o venerando Diogo Antonio Feijó foram no Brasil os representantes da philosophia materialista do seculo XVIII; que a leitura de — Cousin — é peigosa, que — Kant — é impio, que os sacerdotes são ungidos de Deus; que a escravidão é de direito divino; que os reis são representantes de Deus na terra, que finalmente só deve ser lido Bouvier, porque só sua philosophia é santa e pura! Bouvier que prega como um energumeno todos esses revoltantes paradoxos!

« Tal foi o assumpto desenvolvido por um — barba-dinho de nome fr. Eugenio no discurso de abertura do mesmo seminario! Panegirista da influencia — fradesca — e clerical. Fr. Eugenio começou por estigmatizar o rei da Sardenha pelas porrias e esforços que tem empregado para matar essa influencia tão dãmna, e acabar com os mosteiros e confrarias; e depois de ter consagrado um longo capitulo do seu discurso a este assumpto, a que não poupou anathemas nem maldições, acommettem os tumulos e foi perturbar o silencio da morada dos mortos. Não contente de imprecisar os vivos quebrou a lage do sepulchro para cuspir na face dos mortos: e d'entre os cadaveres que levantára da campa faz surgir o Senhor D. Pedro I e o regente Feijó! para accusa-los de materialistas! etc., etc. »

Todo o leitor imparcial reconhecerá o que ha de animosidade e de despeito n'este modo de expôr a questão.

Compartilhamos a opinião de que o pulpito goza por excellencia da liberdade de doutrina. Ao respectivo bispo é que cumpre vigiar sobre essa doutrina, porque a igreja tem o poder ensinante, e os bispos são os genuinos depositarios e administradores d'esse poder. O sermão não é o discurso de comcio que possa responder-se por tribuna, nem artigo de jornal que possa pulverisar-se com outro artigo mais ou menos violento: é a semente lançada á terra, e conforme a natureza d'esta assim apparecerá o trigo ou o joio.

Mas já que se estranhou a allusão a factos, reconsideremos esses mesmos factos.

A influencia clerical, a influencia fradesca são duas phrases bombasticas, ditas, e repetidas ha um seculo; e até hoje ainda nenhum dos declamadores se resolveu a explicar o que n'ellas havia de positivo. Cremos até que o digno correspondente, a quem nos referimos, se havia de achar embaraçado, se fosse obrigado a explical-as.

Pois este depreciado e monoscabado clero do Brasil tem ou teve nunca uma influencia legitima? Pois os corridos e condemnados frades aspiram ao menos a ser ouvidos e a requerer por sua justiça? Affirmar a sua influencia seria um absurdo: seria, na eloquente phrase do sr. arcebispo D. Romualdo, uma injustica, para não dizer escarneo indigno da gravidade de uma pessoa de senso.

O correspondente parece querer deffender o rei da Sardenha, alludido pelo devotado prégador; e como não? Não se tem manifestado esse rei europeu contra os direitos da igreja, e não tem elle a mão levantada para exterminar as ordens religiosas?

E não é este tambem o espirito que reina entre nós?

Agora duas palavras sobre dous vultos historicos, mencionados pelo prégador, e cuja menção provocou a susceptibilidade do correspondente.

O Senhor D. Pedro I era um principe eminentemente religioso, porém é fóra de duvida que muitos actos do seu reinado resentem-se d'essa indifferença entre o temporal do estado e o espiritual da igreja.

O sr. Antonio Diogo Feijó achámo-lo desenhado na historia como uma influencia politica perigosissima e sobre maneira fatal á igreja. Os seus actos parlamentares e officiaes encerram o cunho da postergação dos direitos da igreja: um seisma de terriveis consequencias foi por elle conjurado; e a não ser a poderosa e assustadora voz do sr. arcebispo da Bahia, o que seria hoje a igreja brasileira? Talvez que a terra em que ha trezentos e cinquenta e seis annos se plantou o estandarte da Cruz, não fosse hoje mais do que o theatro onde se representasse a tragedia sangrenta de um seisma, ou o drama vertiginoso de uma seita monstruosa!

Como politico e patriota, o sr. Diogo Antonio Feijó terá sempre um lugar distincto nas paginas da historia; mas na historia das tribulações da igreja os fieis catholicos hão de ler o seu nome com pesadosa recordação; e duvidarão reconhecer-o tão puro e tão virtuoso, como lhe chama o correspondente.

Tomar os factos debaixo do ponto de vista, não é irrogar uma offensa aos brios nacionaes, é folhear a historia, que é do dominio de todas as intelligencias e de todas as opiniões.

O correspondente conclue pela fórma seguinte:

« Eis-aqui como estrearam os dignos e sapientes mestres do seminario episcopal. O governo que attenda para essas cousas. Bem sei que o sr. bispo, invertendo o nosso direito publico ecclesiastico, sustenta — totis viribus, — que o governo civil nada tem com o seu seminario, que é — propriedade sua, — o que foi edificado com o suor de seu rosto, e com as pingues esmolas que colheu em suas visitas. E' obra de misericordia abrir os olhos á luz da verdade áquelles que permanecem em erro; o governo n'este caso fará um acto de misericordia chamando o prelado á linha de seus deveres, e mostrando-lhe que o ensino ecclesiastico não está isento da inspecção do governo civil. »

E' para nós materia estudada, e confrontada a doutrina que o correspondente põe na boca do sr. bispo de S. Paulo. O governo de certo não tomará o conselho que gratuitamente se lhe dá; mas quando elle julgar ter o direito de inspecção, ou qualquer outra ingerencia no regimen e direcção do estabelecimento, o digno bispo saberá expôr o direito que lhe assiste, e que é comensal. mesmo para qualquer curioso do direito canonico e do direito ecclesiastico; — e a justiça triumphará.

Escrevendo este artigo, e dedicando-o ao veneravel Prelado, a quem nos prendem vinculos de parentesco e de respeitosa amizade, tivemos em vista não só o cumprimento de um dever, que nos impuzemos, tomando a redacção da parte litteraria e religiosa d'esta folha, como pagar um tenue tributo de applauso e consideração aos valiosos serviços do respeitavel apostolo, que tem sido tão mal avaliados e tão mal comprehendidos!

Oxalá que o seminario de Santo Ignacio de Loyola seja um arco de aliança entre o clero paulistano e o seu prelado; e que este corpo respeitavel se consagre ao unico pensamento de felicitar aquella diocese, defendendo a causa commum da igreja.

Empregámos todo o cuidado possivel para que, n'esta polemica, em que nos empenhámos, não sabbisse uma só phrase que podesse escandalisar a susceptibilidade pessoal do digno escriptor a quem respondemos. Se infelizmente, porém, elle encherger em alguma de nossas palavras o mais leve espirito de aggressão, pedimos-lhe o desculpe e perdão, porque a nossa intenção, o nosso systema de escrever é sim tomar um vivo empenho na discussão do assumpto, mas respeitar em tudo e por tudo a pessoa do nosso contendor.

F. M. Rapozo d'Almeida.

DA TOLERANCIA.

TOLERANCIA é uma palavra demasiadamente vaga. Para lhe fixar o sentido, é necessario recorrer-se á divisão, e definir cada uma das especies que elle comprehende. Não é porém meu intento discorrer largamente sobre todas ellas, mas indica-las apenas, e demorar-me sómente sobre a de que, nas actuaes circumstancias, me parece mais conveniente tratar-se.

Estas especies que, seguido uns, são tres; são, segundo outros, quatro; e eu adoptarei o ultimo arbitrio, como mais apropriado á clareza, que em taes objectos nunca é excessiva.

Dividirei pois a tolerancia em civil, philosophica, theologica e christã. A primeira, consiste em se permitir n'um estado o exercicio de diversas religiões, não como igualmente agradaveis á divindade, mas pela vantagem de reunir debaixo de um só regimen, sem os incommodar, os sectarios de quaesquer crenças: a segunda, em se considerarem todas as religiões como iguaes, ou como indifferentes: a terceira na profissão que faz uma seita, de erer que os membros de outra seita se podem salvar, sem renunciar á sua crença: quarta, na fraternidade geral do genero humano.

A primeira, cuja moralidade e utilidade se reputaram por muito tempo uma questão difficil de decidir, achase entre nós regulada pela lei fundamental da monarchia. A segunda, é um miseravel invento de falsa philosophia, e merece menos a discussão que o desprezo: ella é a unica, que pôde agradar aos incredulos; mas, apesar d'isso, elles nem todos estão de accordo a seu respeito. A terceira, tem sido assumpto de grande variedade entre as communhões protestantes, estendendo-a e restringindo-a sem motivo e sem fundamento: umas, assentando que não pôde haver salvação senão na sua, e negando-a a todas as outras, e até á religião catholica; outras, concedendo-a sómente a algumas; e algumas a todas com tal liberalidade, que se fossem exactos seus principios, nem os pigãos nem os atheos deixariam de salvar-se, como profundos theologos tem demonstrado. A verdade porém é que, nos tempos primitivos, a unica religião, verdadeira e salutar, era a que Deos havia revelado aos patriarchas; que depois da missão de Moysés era a judaica; e que depois da redempção a religião catholica é só aquella, em que ha salvação, e que a sorte de quem se recusar a erer o que a igreja ensina será a condemnação eterna. Pregai o evangelho, disse Jesus Christo, a toda a creatura. O que erer, e for baptizado, será salvo; o que não erer, será condemnado. (1)

A quarta especie de tolerancia, aquella que se reduz á caridade fraternal, que deve reinar entre todos os homens, de qualquer nação e religião, que sejam, é a que constitue a materia do presente discurso. Ella é o proprio espirito do christianismo. Nenhuma outra religião tão positiva e tão absolutamente a prescreve e a recomenda.

Quando se trata de ser indulgente, de evitar tudo o que pôde perturbar a harmonia social, de corresponder ao mal com o bem, ás injurias com os beneficios, o christianismo não distingue o europeu do africano, o mahometano do judeo, o adorador dos reptis do adorador dos astros. Contempla todos os homens, como filhos do mesmo pai celeste, e como feitos á imagem e semelhança de Deos. Não transige com a mentira, é inflexivel, inexoravel com os erros: mas para com as pessoas é a mais tolerante de todas as religiões.

Tem-se perseguido, tem-se vertido sangue em seu nome: porém, nem isso era conforme á sua indole,

(1) Marc. 10., 15. 16

essencialmente pacífica; nem teve logar por culpa sua, mas por culpa dos homens, a que temerariamente a invocavam, para fazerem o contrario do que ella lhes ordenava.

E quem ha que em boa fé chame por isso a verdadeira religião intolerante, ignorando que nada tem havido, de que se não tenha abusado no mundo, e esquecendo-se do que se tem feito em nome das outras religiões? Anteriormente ao estabelecimento do christianismo, os gregos, tão humanos, e tão ciosos da sua liberdade, não só perseguiam, mas condemnavam á morte por motivos religiosos. Outro tanto praticavam os romanos, e outros povos da antiguidade. Zoroastres fez correr rios de sangue na Persia e na India, não fallando senão em religião; e Cambyzes no Egypto. E que aconteceu depois do estabelecimento da religião de Jesus Christo? Levantaram-se contra ella as maiores perseguições, que duraram trescentos annos, e devoraram tudo o que havia de mais virtuoso, e de mais heroico sobre a terra. Não houve tormento, até então desconhecido, que se não inventasse; crueldade, que se não commettesse: horrores, que multidões freneticas não applaudissem: hoje mesmo ainda o sangue dos martyres se verte n'esses remotos paizes, onde se vão encontrar as sevícias e a morte em recompensa dos maiores benefícios, que homens podem fazer aos homens!

O Christianismo foi, desde o seu principio, uma religião perseguida e não perseguidora, uma religião de amor, de doçura, e de paz. O seu divino autor, longe de mandar a seus discipulos, que fizessem violências, mandou que as soffressem; e elles cumpriram pontualmente este mandato. Os meios, de que se serviam, eram os da persuasão, nunca os da força. Da sua bocca não sahia uma expressão hostil. Trazia sempre a caridade no coração e nos labios. E é notavel o empenho, com que um d'elles exhortava repetidamente os fieis a conservarem a paz com todos os homens. (1)

O Christianismo é a religião da caridade; e a caridade é paciente, é benigna, não se entumescce, não se irrita, tudo espera, soffre, tolera tudo. (2)

Os homens são todos irmãos, e devem amar-se; fracos e dependentes, devem ajudar-se; cheios de imperfeições, devem supportar-se.

Entretanto o mundo moral ainda é mais variado, que o mundo physico: e os homens ainda differem mais nas qualidades do espirito, que nas feições do semblante. Seus pensamentos, suas propensões, seus gostos contrariam-se; seus interesses chocam-se: e d'ahi vem difficuldades, que nem sempre se vencem, sem que lutemos com o nosso amor proprio, que é mui poderoso em quanto não aprendemos a combate-lo; e em quanto não adquirimos o habito de resistir ás paixões.

A vida humana é uma laboriosa peregrinação, em que a necessidade dos combates e dos sacrificios é mui frequente: e para que uns e outros nos custem menos, convém que nos costumemos a elles; que a força do habito e a da resignação os facilite. E' um grande mal, dizia Anacharsis, não saber soffrer algum mal; é necessario soffrer para menos soffrer.

Não ha homem nenhum perfeito, nem inteiramente semelhante a outro homem. Se nós formos insoffridos com os outros, por causa das suas dissimilhanças, ou das suas imperfeições; por igual motivo elles serão insoffridos connosco, e ficaremos n'uma hostilidade reciproca; estado muito mais violento que os dos incommodos e sacrificios, que pôde custar-nos uma mutua tolerancia.

Nós não temos direito a exigir conformidade connosco, nem isenção de imperfeições em alguem; devemos con-

tentar-nos com os homens taes quaes elles são, se não queremos fugir da sociedade, e condemnar-nos a viver nos desertos: e para minorarmos a estranheza, que seus defeitos nos possam causar, temos um meio muito a proposito, e é o de nos lembrarmos dos nossos, que são talvez maiores que os d'elles.

Não ha, porém, pequena difficuldade no conhecimento dos proprios defeitos. Este conhecimento é raro, e a sua exactidão rarissima. Os justos, quanto mais elevado é o grão de virtude em que se acham, mais severos são para si, e menos severos são para os outros: os viciosos são o contrario; e o numero d'aquelles é mui pequeno, o d'este infinito.

Mas seja qual fôr o juizo que formemos de nós e dos com quem vivemos, ou com quem encontramos, nunca um tratamento intolerante e desabrido pôde ter lugar. Se os reputamos bons, por que não lhe faremos justiça? se maos, por que não usaremos de indulgencia para com elles?

Assim como o rigor, provoca o rigor, a indulgencia atrahê a indulgencia: da qual se nós precisamos, o concedermos a nossa é uma util especulação; se não precisamos, a concessão da nossa, sem esperanza de retribuição, é, além de um cumprimento de um dever, um acto de generosidade, que denota sempre nobreza de caracter em quem o pratica.

A razão não é igual em todos os homens. O que para estes é evidente, é para aquelles incomprehensivel: o que parece bem a uns, parece a outros mal: podendo por isso dizer-se, que a indulgencia não é só necessaria para os vicios e para os defeitos; pois muitas cousas taes se reputam, sem effectivamente o serem.

E quando a nossa razão discorda da dos outros, quem devera decidir qual d'ellas acerta? Nós ordinariamente arrogamo-nos, e elles arrogam-se o direito da decisão: e este direito nem compete a elles, nem a nós, por que ninguem pôde ser juiz em causa propria. Igualmente nem a nós, nem a elles compete o de compellir a que a sua, ou a no-sa decisão prevaleça. Se nós tivéssemos jus a obrigar os outros a que estivessem pelo que nós decidissemos, elles o teriam para nos obrigarem a estarmos pelo que elles decidissem; o que produziria o mais estranho dos conflictos.

Cada individuo, da mesma sorte que tem a sua razão, pôde ter a sua opinião; e em tudo aquillo que não é de fé nada deve haver mais livre: mas esta liberdade, que todos querem para si, poucos a querem para os outros; e não pôde haver cousa, que abone ou justifique desigualdade tão absurda.

Exigir dos outros que tenham as nossas opiniões, tanto importa exigir que tenham a mesma intelligencia, os mesmos sentimentos, o mesmo caracter, o mesmo humor; é a mais estranha das pretensões, o mais revoltante dos despotismos. A elle se deve grande parte das inconstancias da amizade, das discordias das familias, do egoismo, que nos gela os corações, dos embarços, que se oppõem aos progressos da civilisação, e ao cumprimento dos deveres da humanidade.

De todos os laços terrestres, os que unem o esposo á esposa, os pais aos filhos, os irmãos aos irmãos são os mais respeitaveis, e os mais fortes. Desgracado d'aquelles cujo coração não palpita ao ouvir pronunciar algum d'estes nomes. De todas as terrestres consolações nenhuma penetra mais o coração, suavisa mais os incommodos da vida, que a alegria domestica: nada ha tão puro e tão vivo, como os prazeres que nossas almas gozam no santuario da intimidade. Por que se expõe o navegante ás tempestades do mar, ás fadigas e aos perigos de uma longa viagem, senão para adquirir novas riquezas, e as vir derramar no seio da sua familia? Onde nos repouzamos nós mais docemente de nossos penosos trabalhos, senão no meio d'aquelles, que mais que todos nos pertencem e

(1) Paul, ad Rom. 12., 18., ad Hebre. 12., 14.

(2) Paul. ad Cor 13..

nos amam? Que seio iguala o de uma esposa, para n'elle depositarmos, com confiança, nossos tristes receios, nossos amargos desgostos? Que mão enxugará, mais affectuosamente que a sua, as lagrimas nos nossos olhos; e mais piedosamente na nossa testa o frio suor da morte?

Mas essa esposa, por mais virtuosa e extremosa que seja, hade ter imperfeições, e não hade pensar e sentir em tudo como nós, nem nós como ella; mas essa familia, ainda que se componha de irmãos os mais unidos, de filhos os mais affectuosos, hade ter defeitos, diversos genios, inclinações, gostos diversos: e que é aquillo que lança sem se perceber, um véo sobre taes imperfeições; que nos torna quasi imperceptiveis aquelles defeitos, que remedia a differença dos gostos, a disparidade dos genios, senão a tolerancia?

Não havendo tolerancia, não ha laços que se não rompam, amizade que se não quebre, harmonia que não se perturbe. Tirai esta engenhosa e prudente medianeira, e a divisão nascerá entre aquelles que em maior união estão vivendo. Tirai esta temperatura benéfica, este orvalho matutino á estação das flores, e vereis como ellas murcham.

A arte de viver com os outros deve ser um dos nossos principaes estados: mas em que é que esta arte consiste? Vulgarmente se pensa, que ella se reduz a certo ar de decencia, a certas maneiras, a certos usos recebidos, a certa graça exterior, a certas frases banaes: quando o verdadeiro saber viver é objecto de uma ordem muito mais elevada, e depende da opportuna repressão da vontade; da moderação dos nossos desejos; de um fundo de probidade, manifestando-se em todos os nossos passos; união da modestia com a discrição, respirando em todos os nossos discursos; da abstenção d'esse espirito de contradicção e de disputa, que costuma introduzir a irritação e o desgosto nas conversações; de uma condescendencia, que se não aproxime da fraqueza nem da lisonja; de um guerrear os defeitos proprios, e parecer desconhecer os alheios; de um não se deixar levar das primeiras impressões; quantas vezes se nos figura que um amigo nos trata com frieza, que um parente nos illude, que um estranho nos atraçoa, que um grande nos despreza, que um creado nos rouba, sem nada d'isto assim ser? Mas o que sobre tudo considerar, como elemento importantissimo na sciencia de bem viver, é uma caridade tolerante presidindo a todas as nossas acções, e acções, e a todas as nossas palavras. Esta excelsa virtude é o sol, que eria e amadurece todos os fructos, de que se sustenta a tranquillidade domestica, e a harmonia da sociedade.

Mostrar o riso nos labios, conservando o rancor no coração: occultar debaixo de exterioridades officiosas um interior inofficioso ou adverso; é um recurso da civilidade, não tal como a propriedade do termo a inculca, mas capciosa, infiel, enganadora, que quando menos se pensa, miseravelmente se contradiz, e a si mesma se desmente: que cousa porém ha mais vulgar, que esta falsa civilidade; e que cousa mais rara, que aquella virtude, em épocas como a em que vivemos, assigualadas pela incessante luta dos partidos e das facções?

Felizes tempos, em que a virtude e a religião, social inseparaveis, ornavam quasi todos os peitos, dominavam quasi todos os pensamentos, escudavam a justiça, protegiam a liberdade; desaparecesteis vós para sempre, ou tornareis ainda a apparecer? Ah! vinde; não para destruir aquillo, que nenhuma culpa tem nos delirios dos homens, mas para lhe dar maior firmeza; não para aniquilar garantias, mas para as tornar realidades; não para imitar a intolerancia dos partidos, mas para reunir todos os homens debaixo de uma só bandeira.

Que nação póde prosperar, retalhada pelos partidos, lacerada pelas facções? Todo o reino em si dividido

será desolado; e ver-se-ha cahir casa sobre casa, diz a Escriptura, (1) cujos oraculos são infalliveis.

Os homens, lançados no campo das facções, ou collocados na esfera agitada dos partidos, estão em continua guerra; e o estado de guerra é um estado de perseguição, de morte, e de exterminio. Como se fossem infalliveis, para elles todos os, que pensam differentemente, erram: e como se o erro fosse o maior dos crimes, todos os, que n'elle se dizem cahir, merecem as maiores penas. Contra as regras da justiça universal, elles são accusadores, juizes, e executores. De suas sentenças não ha recurso: e os caracteres, com que as escrevem, são caracteres de sangue.

Como a de Mahomed, crê ou morre, é a religião das facções, e dos partidos exaltados. Se a voz da verdadeira religião brada contra isto, insulta-se o seu brado: se a liberdade, a quem affectam tributar um devoto culto, faz ouvir a sua, por entre os alaridos da ferocidade, cospe-se-lhe no rosto, e crava-se-lhe o punhal no coração. Presumpcosos e ignorantes architectos, elles se propoem levantar soberbos muros, edificar formosas cidades: mas, não fazem senão demolir, pois o seu genio é o genio da destruição.

Deixemos pois a exaltação que nos cega, essas paixões que nos extraviam, essas divisões que nos enfraquecem, nos flagellam, e nos arruinam; essa barbara intolerancia que tem transtornado as idéas do justo e do injusto, da virtude e do crime, reduzido á miseria centenas de familias, accendido a tocha do incendiario, afiado o punhal do assassino e que hade acabar de perder-nos, se cedo nos não desenganarmos, e se completamente nos não emendarmos.

Que importam opiniões, para que os homens deixem de se amar, e para que procurem atormentar-se, e dilacerar-se? E quem sabe qual é a verdadeira opinião de cada um, quando factos os mais incontesteis a não revelam? Só Deos é quem as conhece todas, pois só elle tem o direito e o poder de escutar os corações.

Diz-se-ha, talvez, que nem todas as perseguições, tem tido as opiniões por causa; mas outras perseguições de que foram victimas os que depois se declararam perseguidores.

N'este caso temos a pena de talião, e ainda exacerbada, imposta arbitrariamente pelos offendidos, sem audiencia e sem defeza dos reaes ou suppostos offensores: ou antes temos o recurso das feras nos bosques, temos a vingança.

Mas a vingança é prohibida pela religião, é uma necessidade brutal. Se ella se exerce na effervescencia da colera, diz um moralista allemão, é um frenesi que faz do homem um animal feroz: se se exerce premeditadamente, e de sangue frio, é obra de um demonio.

O homem de bem, o verdadeiro christão não se vingá, não oppõe offensa a offensa, iniquidade a iniquidade; e se se lembra de haver tido perseguidores, é só para usar com elles de generosidade, e para os encher de beneficios. — BASTOS, Discurso XIII.

INSTRUÇÃO ECCLESIASTICA.

Do CONINBRISSENSE, jornal que se publica em Coimbra, transcrevemos o plano dos estudos do seminario episcopal d'aquella cidade, que foi executado no anno findo de 1856.

Quem olhar para o numero de cadaveras, de que elle se compõe, para as materias que n'ellas se ensinam, e

(1) Luc. 11.

para os nomes de professores que as regem, poderá sem receio concluir que é este indubitavelmente o primeiro estabelecimento d'este genero em Portugal.

Isto pelo lado scientifico.

O regimen e disciplina interna do seminario, tambem nada deixam a desejar, graças aos esforços do seu infatigavel e mui digno reitor.

Para coadjuval-o em tão importante como espinhosa tarefa, não se tem o exm. sr. arcebispo bispo conde poupado a despesas nem sacrificios, chamando para aquella casa respeitaveis ecclesiasticos, que com suas instrucções e exemplos formem o coração dos jovens alumnos, e lancem n'ellas as sementes preciosas de virtudes, que devem um dia produzir bons e sasonados fructos.

Felicitamos o bispado de Coimbra por ter um prelado que assim cura da educação do clero. Preparando um viveiro de sacerdotes, verdadeiramente instruidos e exemplares, presta s. ex. um serviço relevantissimo á sua diocese e á nação; porque ninguém ha que ignore quanto a illustração e bons costumes do clero, podem influir na instrucção e boa morigeração dos povos.

Continue o digno prelado no seu nobre empenho, e terá os louvores da geração presente e a bênção das futuras.

ESTUDOS PREPARATORIOS.

1.^a Cadeira. INSTRUÇÃO PRIMARIA. Professor, Gaspar Alves de Frias d'Eca Ribeiro. Principios de arithmetica; prosodia, orthographia, e grammatica portugueza; geographia, e chorographia; estatistica ecclesiastica, militar, judicial, e administrativa; historia moderna de Portugal.

2.^a Cadeira. LINGUA LATINA. O mesmo professor. Grammatica portugueza e latina; syntaxe da construcção simples e figurada; traducção de Sulpicio, Cornelio, Eutropio, Cesar, e Cicero.

3.^a Cadeira. LATINIDADE. Professor, Manoel Simões Dias Cardozo. Syntaxe de composição, latinidade e metrificacção; traducção de Virgilio, e Tito Livio.

4.^a Cadeira. LINGUA FRANCEZA. Professor, Francisco Antonio Diniz, dr. em direito. Grammatica franceza; syntaxe da regencia, e composição; traducção de prosa e verso.

5.^a Cadeira. LINGUA INGLEZA. O mesmo professor. Grammatica ingleza, syntaxe da regencia e composição; traducção de prosa e verso.

6.^a Cadeira. GEOMETRIA. Professor, José Joaquim Manso Preto, dr. em mathematica, arithmetica e algebra; trigonometria plana, e elementos de geometria.

7.^a Cadeira. INTRODUÇÃO AOS TRES REINOS DA NATUREZA. Professor, Jacinto Antonio de Souza, bacharel em philosophia. Principios de physica e chimica; e de zoologia botanica e mineralogia.

8.^a Cadeira. GEOGRAPHIA E HISTORIA. Professor, João Antonio de Souza Doria, dr. em medicina. Geographia mathematica, physica e politica, chronologia; historia universal, antiga, da idade media, e moderna.

9.^a Cadeira. RETHORICA. Professor, Antonio Cardoso Borges de Figueiredo. Eloquencia civil; oratoria sagrada; poetica e litteratura classica; analyse de rethorica.

10.^a Cadeira. LOGICA. Professor, Luiz Adelino da Rocha Dantas, dr. em direito. Philosophia racional; philosophia moral; analyse logica.

11.^a Cadeira. MUSICA. Professor, Antonio Florencio Sarmento. Musica de canto, e toque; regras de harmonia e contraponto.

12.^a Cadeira. CANTOCHÃO. Professor, Antonio Lopes Saraiva. Cantochão simples e figurado.

ESTUDOS THEOLOGICOS.

1.^a Cadeira. HISTORIA ECCLESIASTICA. Professor, João

Chrisostomo d'Amorim Pessoa, dr. em theologia. Historia da igreja do antigo testamento; historia da igreja do novo testamento.

2.^a Cadeira. THEOLOGIA DOGMATICA. Professor, Antonio Bernardino de Menezes, dr. em theologia. Theologia dogmatica geral; theologia dogmatica especial, ou theologia symbolica.

3.^a Cadeira. INSTITUIÇÕES CANONICAS. Professor, João Alves de Moura, bacharel em canones. Direito canonico interno; direito canonico externo; direito canonico particular com relação a Portugal.

4.^a Cadeira. THEOLOGIA LITURGICA. Professor, Joaquim Alves Pereira, bacharel em theologia. Theologia sacramental; liturgia.

5.^a Cadeira. THEOLOGIA MORAL. Professor, José Maria de Lima e Lemos, dr. em canones. Theologia theórica e pratica, ou casuistica.

Substituto a todas estas cadeiras de theologia, Francisco dos Santos Donato, dr. em theologia.

De ha tempos a esta parte a educação e instrucção do clero portuguez tem sido devidamente promovida e auxiliada pelo governo.

Oxalá que estes exemplos fizessem sentir ao nosso governo que é por via de bem organisados, bem dotados, bem montados e bem dirigidos seminarios que se hade obter a reforma ou regeneração do nosso clero; e não com as invectivas e insultos officiaes, proclamados em cada um anno perante o paiz.

O nosso governo nada tem feito n'este sentido, antes ao contrario não tem comprehendido o alcance d'esta medida, a unica regeneradora do clero.

A QUESTÃO CANONICA.

II.

A imprensa diaria, e com ella a curiosidade publica, tem manifestado um notavel empenho sobre a questão Kerth; mas infelizmente apenas o libello é que tem sido tomado em consideração. No DIARIO DO RIO DE JANEIRO do dia 13 appareceu um artigo de contrariedade, mas, ainda mal, passou quasi despercebido.

A imprensa, que tem tractado esta questão sem aduzir ou sem estudar o direito da igreja e as suas relações com o estado civil, tem contrahido uma grave responsabilidade moral, porque tem chamado a animadversão sobre o ministerio da religião catholica, que, como todos sabem, e embora alguns desconheçam, é a religião do estado.

Para o mencionado artigo remettemos as pessoas que pertenderem examinar a questão pelo lado theologico e canonico, sob o ponto de vista dos estranhos á igreja, nas presentes reflexões vamos tão sómente protestar contra algumas proposições que se contêm no artigo editorial do JORNAL DO COMMERCIO do dia 12, e tanto mais urge fazê-lo pelo órgão de um terceiro, quanto não o tem podido fazer o veneravel bispo, que sabemos estar gravemente enfermo.

Diz o articulista que, na hypothese Kerth, houve um ataque ao casamento dos protestantes feito pela autoridade ecclesiastica.

Onde e como, canonica ou civilmente fallando, ha no caso vertente um ataque ao casamento dos protestantes? O facto em questão é simples e intuitivo. Margarida Kerth chegou ao atrio da igreja catholica, e (com boa ou má consciencia, o que só Deus póde julgar) pediu ser admittida á communhão dos seus fieis. A igreja, que sempre tem os braços abertos para receber os transviados, e que é mesmo da sua constituição e do exemplo do seu divino fundador, attrahir almas que se querem remir da

infidelidade ou heresia, recebeu jubilosa a Margarida Kerth; e pelo facto da sua conversão, e em vista do direito e da legislação da igreja, a convertida ficou desligada de um contracto conjugal que contrahira clandestinamente na heresia, e que seria absurdo ser considerado valido por quem só reconhece valido o casamento no matrimonio-sacramento, e não no casamento civil, propriamente dito.

Se Kerth e Schopp seu marido no protestantismo, quizessem continuar a viver como marido e mulher, a igreja catholica toleraria essa união; mas a convivencia tinha-se tornado moral e legalmente impossivel, porque a convertida e o dissidente achavam-se civilmente desligados, e com bens separados, desde 16 de maio de 1855.

Civilmente por este acto, e canonicamente pelo facto da clandestinidade do primeiro casamento, Margarida Kerth pretendeu casar com um catholico; a autoridade ecclesiastica não reconheceu n'esta pretensão impedimento algum canonico, porque o primeiro casamento era nullo, e portanto os ligou no matrimonio sacramento. E' esta a doutrina corrente, e este o direito recebido.

Que culpa, que ataque commeteu n'isto a autoridade ecclesiastica? Moralsasse-se muito embora o procedimento pessoal, conveniente ou inconveniente de Margarida Kerth, mas nunca o da autoridade ecclesiastica, cujo dever, como já dissemos, é receber e attrahir as almas ao gremio da igreja universal.

O que não se diria do sacerdote catholico, contra o qual ha tanta animadversão, se um infiel ou heretico lhe fesse supplicar ser admittido a communhão da igreja, e se esse sacerdote, em vez de deixar com ovelhas no aprisco para ir buscar uma que andava trasmalhada do rebanho, o que não se diria, se elle repellisse o tocado da graça, e começasse a duvidar da sua intenção, e a repellisse com difficuldades.

Parece que as folhas que se tem manifestado em aberta opposição á autoridade ecclesiastica, pretendiam que o se fosse denunciar Margarida Kerth á sua familia, ao seu consul, ou em summa aos interessados na manutenção e progresso do protestantismo!... Como seria edificante para os catholicos e para os dissidentes, ver o sabio e veneravel bispo do Rio de Janeiro transformado, de apostolo de Jesus Christo, em protector das seitas dissidentes, e em denunciante de uma alma que se queria converter á fé, á graça e á doutrina da igreja catholica!...

Pois é isto o que em rigorosa logica se depreheende das premicias que se achão estabelecidas nos artigos de opposição a que nos estamos referindo.

Ou a igreja é ou não uma sociedade perfeita, infallivel e perpetua. Se o é, como devemos não só crer como catholicos, mas aceitar pelo facto constitucional de ser a religião do estado, então deveremos aceitar e reconhecer o direito e a legislação d'essa igreja: o direito e legislação d'essa igreja é terminante nas suas disposições a este respeito; e pois, nenhum poder civil o pôde modificar, a não ser pelos—devidos e imprescriptiveis tramites de uma concessão pontificia—nos casos em que o possa permitir o oraculo da igreja.

Talvez que esta jurisprudencia escandalise o tal espirito de tolerancia que tanto se alardêa; mas é doutrina recebida e preponderante que o estado pôde, sim, regular os direitos civis, provenientes do acto matrimonial, mas á igreja é a quem compete regular a validade do matrimonio.

As outras especies e considerações em que se esplanava o JORNAL DO COMMERCIO, cahem em vista do direito estabelecido pela igreja e aceito pelo estado. Para tratar a principal das especies apontadas, o casamento civil, como o concebeu o actual ministro da justiça, levar-nos-hia um tal empenho a largos desenvolvimentos, impro-

prios d'este lugar e d'esta occasião. De certo, que nem o projecto a que se allude, nem as theorias do artigo a que nós estamos referindo, hão de vir a triumphar n'um paiz de habitos catholicos, e recommendavel por seu espirito essencialmente catholico, não obstante o caracter do indifferentismo de que se tem resentido nestes ultimos annos; e pois descansamos a este respeito.

Se o legislador aceitar o — matrimonio sacramento — na raia da igreja, e regular os direitos de propriedade e de familia, que provêm do acto religioso, bem vai; se regular as relações de propriedade e da familia das familias acatholicas, tambem irá conforme; mas se invadir os direitos e as attribuições da igreja, então por certo ha de commetter erros imprudentes.

Dê-se a Deus o que é de Deus, e retenha Cezar o que é de Cezar, é uma maxima evangelica que nunca se deve esquecer em tal conjuntura.

Em conclusão. Não havendo matrimonio valido entre Kerth e Schopp, a autoridade ecclesiastica procedeu conforme aos canones e aos principios theologicos. Eis-aqui o ponto culminante da questão, eis-aqui o ponto de partida para a discussão juridico-canonica, guardando-se as devidas conveniencias da igreja, a cuja sombra repousa o estado.

Se em presenca da hypothese Kerth, a imprensa, e com ella o publico, compartilha a necessidade de uma lei civil, que regule os matrimonios hereticos ou mixtos, nós tambem sentimos essa necessidade.

Mas como?

Guardando-se as devidas conveniencias de um estado que é sim tolerante, mas principalmente catholico.

Mas por quem?

Indubitavelmente por quem tem o poder de dispensar nos canones.

Ainda a questão-Kerth.

Depois de escriptas as considerações que acabão de ler-se, veio-nos ás mãos dous documentos, que, quanto não seja necessaria a sua menção ao nosso ponto de vista canonico, contudo nos vamos referir ao seu contexto, para atenuar a impressão sentimental e a apprehensão que pôde fazer recear a reproducção de factos que tenham a turbar a paz domestica das familias acatholicas.

A muitos terá parecido que Margarida Kerth é uma d'estas organizações romancescas que, em virtude de uma desvairada paixão, abandona o thoro nupcial, deserta do lar domestico, e vai abusar da religião catholica para se entregar ao gozo imperturbavel de uma união reprovada.

O nosso plano, traçando estas considerações, era considerar a these em si, e nunca descer á hypothese; mas urge que entremos em mais circumstanciadas explicações.

Margarida Kerth está no Brasil desde a idade de 6 ou 8 annos; foi educada em collegios catholicos, e todos os actos e praticas da sua vida religiosa eram segundo o rito catholico, ouvindo a missa romana, e mandando no setimo dia da morte de sua mãe celebrar o augusto sacrificio pelo repouso eterno de sua alma.

Margarida Kerth foi violentada no seu casamento com Schopp, casamento que é reconhecidamente clandestino, e portanto nullo; e quasi sempre não viam bem, á ponto de por mais de uma vez ver-se supposta esposa obrigada a refugiar-se em casa dos seus pais ou de um seu irmão.

N'uma d'essas separações Schopp escreveu á sua mulher reconhecendo as sem-razões de a molestar, reconhecendo que ella era virtuosa e honesta, e pedindo-lhe tornarem-se a reunir.

Margarida Kerth reunio-se com effeito a Schopp, mas não continuando a dar-se bem, acordaram separar-se para todo o sempre; o com effeito por escriptura publica, nas notas do tabellião Fontes, em 6 de maio de 1855, — acordaram haver-se por divorciados e dissolvendo seu casamento independente de recorrerem ao juizo ecclesiastico, visto que, como protestantes que eram, e segunda os principios de sua religião estava de tal forma celebrado o casamento, que ficava dissolvido pela presente escriptura, que se obrigavam a registrar no consulado suíço, de cuja nação eram subditos.

Desta data á do casamento vão cerca de quasi dous annos: e já se vê que motivos ponderosos de familia, e não uma paixão romanesca levaram Margarida Kerth a separar-se de Schopp, que recebera clandestinamente no Brazil, e que foi a educação e reitadas praticas do catholicismo quem a levou ao gremio da igreja universal.

Maltratada, divorciada e abandonada por Schopp, qual achais vós mais louvavel, que essa misera tomasse por esposo a um moço catholico, honesto e trabalhador, ou que ali ficasse exposta ao abandono e ás seducções?

Os homens imparciaes que nos respondam.

R. de A.

RECOMMENDAÇÕES EPISCOPAES.

Em data de 12 de janeiro o veneravel sr. Bispo de S. Paulo communicou uma pastoral ao clero da sua diocese, permittindo o uso da carne em dias de abstinencia, salvo os mesmos não dispensados n'esta diocese.

O veneravel prelado recommenda a cessação de outros abusos, introduzidos na diocese, como o das folias do Espirito Sancto, o excesso da percepção de alguns emolumentos etc.

Posto que nos seja pungente passamos a transcrever uma passagem da pastoral, que ainda mal é um quadro de dolorosa realhade; e em que se pinta o estado de indifferença e omissão no cumprimento dos deveres sacerdotaes.

« Nós vemos com grande pesar o abandono, a indifferença, e o desprezo dos preceitos da Igreja; mais pungente se torna nossa dôr por conhecermos donde parte a origem d' este mal. Ah! Nós o dizemos só por que é Nosso dever. Somos Nós os sacerdotes, são em geral os reverendos parochos, os confessores, que não instruem a seus freguezes; que não indagam seus penitentes. Nós nos temos tornado um sal insulso, uma luz debaixo do alqueire; temos perdido, ou nunca tivemos, o zelo sacerdotal pela salvação de nossos irmãos: por que igualmente não zelamos de nossa salvação.

« Por direito Divino devemos instruir, é excusado repetir textos de ambos os Testamentos; mas convém apontar o de EZECHIEL que faz cahir sobre nós o peccado do que obra o mal não sendo por nós advertido: Ezech. 33 v. 8. — SI ME DICENTE AD IMPIUM, IMPIE MORTE MORIERIS: NON FUERIS LOCUTUS, UT SE CUSTODIAT IMPIUS A VIA SUA: IPSE IMPIUS IN INIQUATE SUA MORIETUR, SANGUINEM AUTEM EIUS DE MANU TUA REQUIRAM. S. Paulo na 2.^a Epistola a Thimothéo-PRÆDICA VERBUM, INSTA OPPORTUNÈ IMPORTUNE; ARGUE, OBSECA, IN OMNI PATIENTIA ET DOCTRINA. Mas quão poucos cumprem a sua missão!

« O sacerdote e o povo jazem nas trevas e sombras da morte: SICUT POPULUS, SIC SACERDOS. Tiramos a lâ, o leite das ovelhas, e apoja-se a ultima gota. Como cabe-nos o que dos sacerdotes diz S. Paulo-OMNES QUÆ SUA SUNT QUÆRUNT, NON QUÆ JESU CHRISTI!?

« O que (ainda mesmo que fomos santos) poderia-

mos fazer sem o adjutorio de nossos, Irmãos, maxime dos Reverendos Parochos? E o que será do povo não tendo o guia? Com quanta razão S. Gregorio o Grande nos chama os olhos do povo? E se os olhos forem sem vista, o povo e o sacerdote cahem irremediavelmente no abysmo. Mas direis, meus respeitaveis Irmãos em Jesus Christo, como se hão de instruir se fogem da instrução, mesmo esperando que ella acabe para só ouvirem a Missa Conventual?

« Eu vejo que em parte tendes razão; mas não é também verdade que a Caridade, o verdadeiro zelo tem astucias para vir a seu fim? Não tendes o confissionario, onde os grandes pescadores de almas fazem abundante pesca? Confessai menos pessoas, não se vos tomará conta do numero: mas do modo porque confessais.

« Ah! é vosso dever instruir sobre a rigorosa obrigação de cumprir os preceitos da Igreja; sobre o que é jejum, o que é abstinencia, ali lhes ensinareis a distincção d' estes dous preceitos.

« Direis mais — porém se o povo também não se confessa? E' verdade mas quasi que só nós somos os culpados d'essa indifferença geral. Quanto a nós, que não temos o dom de palavra, assim mesmo na visita vimos o grande fructo de nossas pregações. Fallamos muito sobre a confissão annual e sempre com proveito, exceptuando tres ou quatro povoações em que raro nos quiz ouvir.

« As ovelhas estavam famintas do pasto da palavra de Deos; peccadores que de dez a trinta annos se não confessavam, procuraram lavar-se no sangue do Cordeiro immaculado. Se este fructo obtivemos de passagem, como não será elle, residindo-se no lugar?! Observando o caracter de cada freguez, indo, pedindo, exhortando, instando, enfim, se convier, ameaçando?

« Deos abençoará este zelo, e, quando um ou outro estejaallejado em sua consciencia, diante de Deos estais justificados, vossas mãos limpas do sangue de vossas ovelhas; e continuando sempre na cadeia da verdade, a semente em seu tempo brotará e dará fructo. Meus Irmãos Reverendos Parochos, perdoai-nos esta franqueza: temos sobeja razão para gemer, primeiramente sobre nós mesmo, e depois sobre o desleixo em que vivemos. Deos nos espera, Jesus Christo nos serve de guia, e é nossa força. Ouvi nosso brado; brado em que vos pedimos pelas entranhas d'aquelle, que morreu por nós, que sejais fervorosos na instrução das ovelhas que vos foram confiadas; aproveitai o confissionario, onde o zelo sempre tira motivos de consolação. Embora soffrais mil contradicções no santo ministerio, levantai os olhos ao Céu, o premio será á proporeção de vosso disvelo. S. Paulo aos Romanos c. 8. v. 18 diz-NON SUNT CONDIGNÆ PASSIONES HUIUS TEMPORIS AD FUTURAM GLORIAM QUÆ REVELABITUR IN NOBIS.»

EXPEDIENTE.

O producto da assignatura d'esta folha é exclusivamente consagrado á sua sustentação e desenvolvimento; e, se fôr possível, á impressão e vulgarisação de obras de religião e moral.

Assigna-se no escriptorio da empreza, rua do Rozario 138, das 9 horas da manhã ás 2 da tarde, a 10\$000 por anno, e 5\$000 por semestre; e para seguir pelo correto 12\$000 por anno e 6\$000 por semestre.

Nitheroy.—Typ. da Patria, rua d'El-Rei n. 70.